

A CONSTRUÇÃO CONDICIONAL EM PORTUGUÊS

CONDITIONAL CONSTRUCTIONS IN PORTUGUESE

Táisa Peres de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-2439-5604>

RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar a viabilidade do conceito de construção para o estudo das orações condicionais. Parte-se do entendimento de que a condicionalidade constitui um significado convencional, interpretado a partir da correlação entre aspectos formais e semântico-pragmáticos. Assim, propõe-se conceber as condicionais como um tipo de construção, resultante do pareamento convencional entre forma e função, procurando sistematizar a organização conceitual de diferentes padrões e a acomodação de elementos com complexidade formal e semântico-pragmática tão diferenciadas que têm na rede. A partir dessa descrição, podem-se explicar os padrões de transferência e as regularidades envolvidos na organização estrutural e conceitual da condicionalidade. O exame realizado aqui permite compreender como o significado condicional está associado a um esquema geral mais abstrato que sanciona diversos subsquemas e microconstruções ligados ao polo prototípico por elos diversos. As considerações feitas aqui se vinculam aos modelos baseados no uso, em especial à abordagem construcional (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Os dados usados para análise foram coletados no Corpus do Português (FEREIRA, DAVIES, 2006).

Palavras-chave: abordagem construcional, condicionalidade, construção condicional

ABSTRACT

This study offers a characterization of conditional constructions in Portuguese based on the constructional approach. We assume that exemplars of actual conditionals can be explained in terms of how their formal properties relate to their semantic and pragmatic parameters. The main claim made here is that that conditionality may be conceived as a complex category that covers for a range of subtypes of constructions and therefore conditional constructions can be described in terms of a network of subschemas and microconstructions that accounts for all uses of the subtypes identified. Assuming a constructional approach following Traugott e Trousdale (2013), this study provides a wide-range explanation to the formal and semantic-pragmatic properties of the constructions in the network, explaining how the network is internally organized in terms of how subtypes of conditional constructions are linked to the prototypical nucleus. Data for this analysis will be collected at Corpus do Português (FEREIRA, DAVIES, 2006).

Keywords: constructional approach, conditionality, conditional construction

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste artigo é propor um modelo de análise das orações condicionais na abordagem construcional da mudança e levantar alguns questionamentos aos quais se é possível chegar tendo em vista a concepção da condicional como construção nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Como aproveitamento principal, o exame realizado aqui pretende demonstrar que o significado condicional é simbólico e não composicional, já que não resulta da simples soma do significado das partes que compõem a estrutura condicional. Essa perspectiva é diferente das adotadas na literatura sobre condicional que, em geral, usa o termo construção do modo mais amplo como é conhecido na linguística, indicando uma unidade linguística qualquer.

No geral, a perspectiva construcional, independentemente da filiação, dispensa grande atenção a questões como auxiliarização, transitividade, estrutura argumental e estrutura informacional. Nota-se, portanto, grande enfoque ora na relação de dependência entre palavras ora na relação entre dependência e categorização. No entanto, o conceito de construção deve ser teoricamente válido para a descrição de quaisquer fenômenos gramaticais, já que é questão central à abordagem o fato de a língua ser estruturada em torno da convencionalização de forma e significado em todos os níveis da descrição gramatical.

As bases teóricas deste trabalho estão assentadas nos Modelos Baseados no Uso, especialmente na Abordagem Construcional (GOLDBERG, 2006, CROFT, 2005, LANGACKER, 2008, BYBEE, 2010, TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), entendendo, principalmente, a gramática como organização cognitiva da experiência linguística cuja unidade básica de análise é a construção.

Para tanto, este artigo está organizado do seguinte modo: 1) primeiro apresento as bases teóricas do trabalho e o material usado na análise; 2) em seguida, apresento o estado da arte, destacando o tratamento dado às orações adverbiais no âmbito dos estudos sobre

gramaticalização; 3) então, apresento uma proposta de sistematização das nuances da condicionalidade e dos expedientes formais usados para marcar a relação. Por fim, em 4), as considerações finais trazem algumas generalizações a que são possíveis chegar por meio da discussão realizada aqui.

1. A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

O presente artigo parte do princípio fundamental de que instâncias do uso linguístico impactam a representação cognitiva da língua, encontrando abrigo nos chamados Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 2006, LANGACKER, 2008, BYBEE, 2010, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Um ponto central nesses modelos é o entendimento de que a estrutura gramatical emerge de processos cognitivos gerais, já que padrões da linguagem são parte de habilidades cognitivas tais como categorizar, estabelecer relações e operar em nível local e global.

Como consequência, a gramática é concebida como o resultado das experiências dos usuários com a língua, e não um sistema pronto. Os padrões e as regularidades, em qualquer nível de especificidade, se manifestam em unidades esquemáticas abstraídas de instâncias reais. Em outras palavras, as unidades semânticas são abstraídas de propriedades contextuais de ocorrências reais e as unidades fonológicas da apreensão de propriedades fonéticas, resultando no pareamento de unidades convencionais. Na abordagem construcional, as unidades da língua emergem da fixação de configurações recorrentes nos eventos de uso que se estabelecem como rotinas cognitivas. A língua é, então, concebida como um inventário *estruturado* de unidades linguísticas convencionais, as construções, organizadas em redes.

A partir daí, entende-se que estrutura e significado são armazenados como parte de uma rede de construções, concebidas como resultado de generalizações e convencionalizações do uso

linguístico. As categorias emergem da relação de similaridade entre unidades linguísticas que são, então, reconhecidas e mapeadas com representações armazenadas. O modelo assume que há um *cline* de estruturas linguísticas que vai do mais geral ao totalmente idiossincrático. Qualquer elemento nesse *cline* deve ser concebido num mesmo formato, do mais particular, tais como palavras individuais, aos mais gerais, como padrão de ordenação de constituintes, com várias sub-regularidades no entremeio. Por aí se chega ao postulado mais fundamental do modelo: a não divisão entre léxico e regularidades gramaticais. Tomando como ponto de partida a visão saussureana da arbitrariedade do signo, a abordagem construcional explora a ideia de que o pareamento arbitrário entre forma e significado é relevante não apenas para o estudo de morfemas e itens lexicais, mas para todos os níveis de descrição gramatical.

Estruturas sintáticas são conectadas ao significado de modo convencional e parcialmente idiossincrático e são capturadas pelas construções. Conforme Traugott e Trousdale (2013, p.1), “construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. São simbólicas porque são signos, associações geralmente arbitrárias de forma e sentido”.

No modelo, a construção nada mais é do que uma generalização, que abstrai a partir de instâncias do uso um padrão comum e absolutamente geral e esquemático. É, portanto, a unidade de análise compatível com modelos que são baseados no uso. A construção é o *locus* por meio do qual tanto o léxico quanto regularidades gramaticais são sancionados em eventos reais de uso.

Como princípio central, a perspectiva construcional reconhece que a organização da língua não é diferente da organização de outros aspectos da cognição. A organização gramatical é um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, a rede, em que cada construção é um nó que pode representar um esquema, ou um subesquema ou tipos de microconstruções. A rede é multidimensional, conceitualizada em termos de redes neuronais,

assim, os nós estão ligados por elos em direções múltiplas entre funções semânticas, pragmáticas, discursivas, sintáticas, morfológicas e fonológicas de cada nó. Cada nó é ligado de várias maneiras a outros nós na rede.

Reconhece-se, aí, a gramática como emergente e adaptável às pressões provenientes de experiências de uso da língua (LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010). O uso linguístico é, portanto, considerado como o complexo instanciador e motivador dos padrões que ativam e modificam as estruturas gramaticais. Nessa perspectiva, o objeto de descrição são esquemas gerais resultantes da convencionalização da relação entre estrutura linguística e sua interpretação semântico-pragmática. É partindo desses princípios que pretendo analisar a condicionalidade, assumindo que o significado condicional pode ser descrito através da correlação de um conjunto de parâmetros que se manifestam em maior ou menor grau nos diferentes subesquemas.

1.1. Método

Este trabalho toma como objeto de descrição o uso linguístico, entendido como o complexo motivador das bases gramaticais. Desta forma, as análises aqui realizadas não podem prescindir da verificação que se faz das estruturas linguísticas no exercício efetivo de uso da língua. Por esta razão é que se trabalha a partir de dados coletados em amostras reais de uso da língua.

Como *corpus* do presente trabalho considerou-se dados coletados no **Córpus do Português**, coletados no website <www.corpusdoportugues.org>, organizado por Davies e Ferreira (2006). Trata-se de Um banco de dados com mais de 45 milhões de palavras em quase 57.000 textos, que contemplam as variedades do português brasileiro e europeu, nos registros oral e escrito, num período que vai dos séculos do XIV ao XX. Os textos que compõem o *corpus* estão divididos entre os tipos acadêmico, notícias, ficção e oral. Para este trabalho,

especificamente, considerarei apenas dados do português brasileiro, dos séculos XIX e XX, contemplando os diferentes tipos de texto que compõem o *corpus*. Esclareço, ainda, que a análise realizada aqui é qualitativa e se pauta pela observação dos padrões funcionais sem ocupar-se de levantamentos quantitativos, dispensáveis à discussão que se faz nesse momento. As ocorrências trazem anotação sobre o século (13-20), variedade (europeu ou brasileiro) e gênero (acadêmico, ficção, oral e notícia), respectivamente nessa ordem.

2. ESTADO DA ARTE: ORAÇÕES CONDICIONAIS NO FUNCIONALISMO

Neste artigo, tomo especificamente as orações condicionais como objeto de descrição. Esse objetivo se apresenta como um desafio para a perspectiva construcional por diversas razões. Primeiramente, analisar a condicionalidade, ou qualquer outra construção da zona da adverbialidade, como uma rede conceitual de construções é uma tarefa extremamente complexa devido à natureza não discreta da categoria, já que o significado condicional está relacionado a diversos outros domínios conceituais. Assim, uma caracterização da família construcional das orações condicionais deve levar em conta vários domínios simultaneamente, em especial os de tempo, causa, concessão, modalidade, topicalidade. Outro ponto a se destacar é que nos diferentes padrões sintáticos sancionados pelo esquema condicional, alguns domínios se revelam mais salientes que outros, compondo uma rede intrincada de significados e funções. Ainda, há que se levar em consideração que os elementos usados para marcar a construção condicional apresentam graus de gramaticalização variados, distribuídos em diferentes pontos do *cline* lexicalidade/gramaticalidade.

No geral, os trabalhos funcionalistas sobre a subordinação adverbial, de uma forma geral, assumem duas perspectivas principais: 1) a gramaticalização das relações entre as orações envolvidas e 2) gramaticalização de conectivos.

No âmbito da gramaticalização das relações, destacam-se os trabalhos inspirados por Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988), que discutiram mudanças que afetam o grau de dependência entre as orações. Em Hopper e Traugott (2003), essa mudança é analisada em termos de um *cline* de dependência, que vai da menor independência e encaixamento ao grau máximo de integração:

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependência		+ dependência		+ dependência
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento

(adaptado de Hopper e Traugott, 2003, p. 179)

De modo semelhante, Lehman (1988) associa gramaticalização ao grau de integração entre as orações, descrevendo uma escala que vai da parataxe até o ponto final que seria a dessentencialização completa:

parataxe > hipotaxe > encaixamento > nominalização

No geral, trabalhos realizados nessa linha discutem, em especial, como orações “independentes” sofrem processos de mudança que alteram seu estatuto para orações dependentes e/ou até nominalização. Nessa perspectiva deu-se grande enfoque à descrição da gramaticalização de orações completivas.

Ainda na perspectiva do tratamento das relações entre orações, outra possibilidade diz respeito à mesclagem de domínios, ou seja, as relações de imbricação entre as noções semânticas

marcadas nessas orações, em especial as relações de tempo, causa, condição, concessão, modo e finalidade.

Uma outra perspectiva explora o desenvolvimento histórico de conectores adverbiais. Essa vertente de trabalho tem início com Meillet (1912), em seu célebre trabalho sobre a renovação das conjunções. Essa segunda perspectiva é, indubitavelmente, bastante produtiva já que atesta a potencialidade do léxico para formar elementos da gramática e, assim, evidencia o princípio central da teoria da gramaticalização (HOPPER e TRAUGOTT, 1993; HEINE, 2002; LEHMANN, 1988).

É evidente a pertinência de tal tratamento, no entanto, por essa perspectiva algumas questões ficam, ainda, sem responder. Em primeiro lugar, temos que considerar que, apesar de os conectivos se gramaticalizarem com um significado procedural (o de estabelecer a relação entre duas orações, em foco aqui o de condição), nem sempre será possível chegar a uma especialização de significado como ponto final do processo de mudança pelo qual passam. De fato, no conjunto de conectores adverbiais, muitos atuam na construção de relações diversas:

- (1) **Desde que** assumi o governo pensei que seria necessário realizar reformas estruturais na economia italiana. ([419Or:Br:Intrv:ISP](#)) TEMPO
- (2) Essas conseqüências são previstas **desde que** eles façam evidentemente um um um exame pré - nupcial ou pré-natal ([419Or:Br:LF:Recf](#)) CONDIÇÃO
- (3) Estará sempre inerente a mudanças cujos resultados não podemos conhecer inteiramente, **dado que** elas ainda não tiveram lugar ([abrancoalmeida.com](#)) CAUSA
- (4) A resposta negativa, **dado que** Flora viesse a mudar de opinião, podia ser uma desgraça para esta. ([418:Machado:Esau](#)) CONDIÇÃO

Em (1), o conectivo ‘desde que’ funciona como conectivo temporal ao indicar o ponto inicial no tempo a partir do qual um evento principal se realiza, instaura-se aí o sentido temporal. Por outro lado, em (2), a conjunção indica um ponto inicial no discurso a partir do qual um

argumento descrito na proposição principal se valida, tem-se aí o sentido condicional. Semelhantemente, em (3) o conectivo estabelece uma relação de causalidade factual, enquanto em (4) esse mesmo conectivo figura numa relação de causalidade não-preenchida. Casos como esses mostram que o significado específico de causa, tempo, condição, concessão, modo, nem sempre estará associado ao unicamente conectivo.

Outra questão que se coloca é que os conectivos usados numa construção adverbial apresentam graus de gramaticalização e de composicionalidade bastante diferenciados.

- (5) **No caso em que** as disposições vigentes autorizem o uso de um prospecto preliminar ou a realização de publicidade prévia à autorização, o material deve explicar seu caráter preliminar. (419Ac:Br:Enc)

Nessa ocorrência, o próprio núcleo da conjunção exprime o sentido de conjuntura/contingência determinante para a indicação da situação hipotética/mundo possível característico da conjunção condicional. O que ocorre, nesse caso, é uma extensão metafórica desse significado, que deixa de indicar uma conjuntura específica/determinada e passa a indicar uma conjuntura aberta, não referencial. Em outras palavras, a expressão não mais introduz um referente específico no discurso, mas constrói uma situação abstrata. Esse é o gatilho para a inferência do significado condicional expresso nesse tipo de construção.

O mesmo ocorre com outras conjunções desse conjunto, nas quais se verifica uma extensão do significado original de seus núcleos para indicar uma oração circunstancial. No *continuum* lexicalidade/gramaticalidade, esses conectores estariam mais distantes do polo gramaticalidade. Conectivos como esses são parcialmente composicionais, já que traços de seu significado projetam parte do significado da construção. Estão nesse grupo conectivos como: *no caso em*

que, na condição em que, no momento em que, a fim de que, de modo que, de maneira que, antes que, depois que, à medida que, por causa (de) que, entre outros.

Questão mais relevante, em especial no contexto da abordagem construcional, é que a mudança linguística não se aplica a um elemento isolado. Precisamos considerar que há um contexto que licencia as inferências que operam para a emergência de um significado novo (HEINE, 2002; DIEWALD 2006). Assim, o *locus* da mudança é a construção. Ainda mais relevante é saber qual o efeito desse significado novo na rede construcional. Embora uma construção tenha sua própria história, ela está restrita, e ao mesmo tempo causa um impacto, à história dos esquemas e subesquemas da rede de padrões com o qual se relaciona. Desse modo, um significado só pode ser explicado no contexto de outras estruturas cognitivas e assim nenhuma consideração sobre a emergência de conectivos e orações condicionais pode simplificar-se na descrição de elementos isoladamente, mas deve explicar também os efeitos que a acomodação de padrões tão diferenciados tem na rede como um todo e como se relacionam com outros membros dessa e de outras redes, que é o que quero sugerir aqui.

3. A CONSTRUÇÃO CONDICIONAL EM PORTUGUÊS

O primeiro ponto para o tratamento construcional da oração condicional é o entendimento do grau de transparência da ligação entre sua forma e seu significado, ou seja, é entender até que ponto a construção é composicional ou simbólica. Um primeiro ponto que gostaria de destacar é que o esquema condicional básico pode ter seu significado alterado como resultado da convencionalização de implicaturas (MONTOLÍO, 2000; VISCONTI, 2004; OLIVEIRA, 2008, 2012). Há diversos casos em que o significado condicional se expressa agregado a valores semânticos outros como a implicatura da perfeição condicional - que prevê que em determinados tipos de condicional as duas proposições envolvidas se implicam mutuamente, isto é, são ambas

verdadeiras ou ambas falsas (GEIS e ZWICKY, 1971; AWERA, 1983; VISCONTI, 1996; NEVES, 2000):

- (6) ***Desde que*** Zé Lino não aceite é que Fares Lopes passará a analisar outros nomes (Oliveira, 2012, p. 109)
- (7) Não há significativos custos para os cofres públicos, ***a não ser que*** o governo local opere mal uma empresa pública ou subsidie o preço da passagem. (Oliveira, 2012, p. 110)

Como se discute em Oliveira (2008, 2012), em (6), o significado condicional se completa com a implicatura da perfeição condicional, indicando que as duas orações envolvidas se implicam mutuamente; isto é, emerge nelas a leitura de que as duas proposições são necessariamente “ambas verdadeiras ou ambas falsas”. Ao passo que em (7), o conectivo agrega inversão de polaridade ao significado condicional, indicando que as situações descritas são necessariamente inversamente excludentes.

Por outro lado, como discutem Oliveira e Hirata-Vale (2017), ainda há que se ressaltar que a condicionalidade pode ser veiculada pelas molduras paratáticas *ou p ou q* e *p e q*. Essas condicionais caracterizam-se, especialmente, por veicularem atos diretivos, nos quais sugere-se/impõe-se uma ação ao ouvinte. São por isso chamadas condicionais imperativas, como nos exemplos:

- (9) ***Ou*** me aparece com resultados concretos ***ou*** eu lhe mando embora de Resplendor. (Hirata-Vale, 2005: 84)
- (9) Fica nas minhas redondezas ***e*** você vai ver. (HIRATA-VALE, 2005: 101)

Tem ainda as condicionais do esquema *quando p q*. Quando orações marcadas pelo conectivo *quando* são projetadas para o domínio epistêmico, como em (10), seu significado é

mais subjetivo, e a especificação é de condicionalidade, já que a moldura temporal representa uma especificação semântica pertencente ao domínio do evento.

- (10) Não devemos, contudo, ter receio de inovar **quando** os nossos interesses e valores assim indicarem (Hirata-Vale, 2005: 123)

Outro ponto que gostaria de salientar aqui, e que tenho discutido em meus últimos trabalhos (OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA e HIRATA, 2017; PINTO e OLIVEIRA, 2016), é o fato de o significado condicional não estar vinculado a um único componente da oração. Isso se nota, por exemplo, em condicionais introduzidas pelos conectores *uma vez que* e *desde que*, que contam com outros elementos da oração para ter o sentido de condição especificado, como ilustram as ocorrências em (11) e (12).

- (11) **Uma vez que** uma expressão ganhe um uso continuado e significativo na língua, passa a integrá-la, quer a sua origem seja "cult" (a-partir-pedra.blogspot.com)
- (12) Exagerar em o rímel Vale a pena aplicar várias camadas de máscara para cílios para dar mais impacto a o visual, **desde que** você tome cuidado para que não fique com a cara de Emília. (102fmnatal.com.br)

Em casos como esses, os conectores têm um significado procedural e sinalizam ao ouvinte a instrução para a construção de um espaço mental no qual se fundamenta a oração principal, como discute Oliveira (2014). No entanto, como veiculam factualidade, diferentemente de outros conectores (como *se* e *supondo que*), conectores como em (11) e (12) não instauram o significado condicional, que emerge da correlação entre os vários elementos compõem a construção.

Por outro lado, a conjunção *se*, embora seja o conector condicional prototípico, também pode introduzir construções com outros valores, tais como se observa no exemplo (13):

(13) Lá, **se** tem uma briga, o cinegrafista está no meio. (419Or:Br:Intrv:Cid)

Em (13), oração adverbial e oração núcleo estão associadas numa relação aspectual de habitualidade do tipo [sempre que X Y]. Falta, nesse tipo de construção, a predição, traço básico da condicionalidade que diz respeito à capacidade da condicional de projetar uma hipótese e de se referir a uma situação futura. Assim, embora o conector *se* seja marca de não-factuality, o sentido condicional se enfraquece em razão de outros elementos da oração.

O que quero demonstrar com esse conjunto de dados é que o significado condicional, descrito a partir de um conjunto de parâmetros de condicionalidade (DANCYGIER, 1998), não é totalmente mapeado a partir dos componentes da oração condicional. Ou seja, não é possível associar cada traço do significado condicional (predição, não-assertividade, distância epistêmica, alternatividade, etc) a elementos específicos da oração condicional. Ao contrário, o significado condicional é resultado de processos inferenciais instaurados pela correlação desses parâmetros, que resultam na convencionalização de inferências e implicaturas. Assim, faço minha primeira proposição: o significado de condição pode ser tratado como um significado convencional e não composicional nos termos de Goldberg (2005), Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013).

Assumindo que as estruturas linguísticas e os significados não existem separadamente, a construção condicional pode, então, ser concebida como um padrão abstrato mais geral que abriga uma rede hierárquica de esquemas e sub-esquemas. É possível, então, tratar as orações condicionais como uma construção, que, seguindo o modelo geral elaborado por Traugott e Trousdale (2013), pode ser compreendida como o pareamento simbólico de forma e significado.

Tradicionalmente, a construção condicional é caracterizada a partir da moldura sintática (NEVES, 2000; MONTOLÍO, 2000; DANCYGIER, 1998):

se p, q

Evidentemente, esse esquema ilustra apenas o que podemos considerar como a estrutura condicional mais básica e não dá conta de toda a variada rede de construções que servem ao propósito de expressar a relação condicional. A consideração dos usos desse tipo de construção mostra como a relação de condição pode ser construída por diversas outras molduras sintáticas.

Como mostram as análises realizadas por diversas autoras Neves (2000), Ferrari (2001), Oliveira (2008, 2009, 2012, 2014), Hirata-Vale (2012) e Oliveira e Hirata-Vale (2017), o conjunto de conectores usados para marcar a relação condicional é extremamente variado. Para ilustração, tomem-se os seguintes exemplos:

- (14) Nunca se interessara pela opinião dos outros *a não ser que* fosse a mesma que a sua (Oliveira, 2008, p. 80)
- (15) *Contanto que* não prejudicasse os colegas, a estes pouco se lhes dava o que Aparício fizesse. (Oliveira, 2008, p. 80)
- (16) *Desde que* a informação seja fornecida, permanece lá para toda a vida (Oliveira, 2008, p. 82)

Como se vê, elementos de complexidade morfossintática distinta, como destacados em (14) a (16), servem para marcar o enunciado hipotético. Em estudos anteriores (OLIVEIRA, 2008, 2012, 2014), apontei, ainda, o uso de conectores como *somente se, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que, supondo que, desde que, dado que, considerando que, na condição de que, na eventualidade de que*, mostrando que se trata, portanto, de um grupo bastante

diversificado e que não pode limitar-se a classificações reducionistas. Esses conectores têm sua estrutura interna formada a partir de núcleos de natureza categorial distintos, que se associam à própria conjunção *se* ou ao complementizador *que*, como mostram os esquemas.

[<i>V que</i>]	dado que, visto que, posto que, supondo que, considerando que
[<i>ADV que</i>]	contanto que
[<i>PREP que</i>]	desde que, sem que
[<i>ADV se</i>]	somente se, exceto se, só se
[<i>PREP N PREP</i>]	no caso de
[<i>PREP N se</i>]	no caso se
[<i>PREP N PREP que</i>]	na condição de que, na eventualidade de que
[<i>PREP NEG COP que</i>]	a não ser que
[<i>PREP ADV que</i>]	a menos que

Conforme afirmei em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2014), essa lista não pode fechar-se com muita facilidade, já que há diversas outras formações conjuntivas que podem funcionar como introdutores de enunciados hipotéticos, o que revela a produtividade do repertório lexical para construir também relações gramaticais, colocando em evidência a fluidez das categorias, questão central para a abordagem construcional.

Considerando que um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, ele deve abrigar grupos abstratos e semanticamente não específicos de construções. Assim, proponho rever o esquema geral do seguinte modo:

[[CON] ORAÇÃO_j] [condição]

No esquema, [[CON] ORAÇÃO_j] representa a forma da construção condicional e [condição] representa, de modo mais esquemático, o significado condicional, que, num nível menos abstrato, pode assumir especificações semânticas diversas. Essa mudança de perspectiva

de análise possibilita a identificação de uma construção altamente esquemática e, por sua vez, de um significado mais abstrato, hierarquicamente organizados na rede conceitual, conforme se demonstra na figura 1 na página seguinte.

Cabe esclarecer que essa representação, por uma questão de espaço, não contempla todos os subesquemas e microconstruções possíveis para o português. No entanto, por ele é possível observar que a condicionalidade conforma uma categoria extremamente complexa que se organiza em torno de padrões com diferentes graus de esquematicidade e que vão muito além do esquema introduzido pela conjunção *se*.

A construção [[CON] ORAÇÃO_j]] abstratiza um padrão geral que sanciona diversos subesquemas parcialmente especificados, no qual um *slot* é especificado pelo tipo de conector, apresentando um padrão colocacional relativamente amplo (ORAÇÃO_j), que pode assumir formas variadas finitas ou não-finitas, declarativas, imperativas ou interrogativas, positivas ou negativas. Esses subesquemas são relativamente produtivos, já que sancionam, num nível mais específico, diferentes microconstruções e construtos.

Na rede, a família construcional das condicionais tem um subesquema central prototípico, a [[CON] ORAÇÃO_i]] NEUTRA, ao qual outros subesquemas estão ligados radialmente por elos relacionais, em especial os de subparte e extensão metafórica. Algumas razões que sustentam esse posicionamento são: primeiramente, ela codifica uma condição aberta, que é cognitivamente mais básica que os tipos restritivos. Segundo, ela é mais produtiva, sendo instanciada por um conjunto maior de subesquemas. Por fim, historicamente, esse tipo é o que

emerge primeiro na história do desenvolvimento das orações condicionais (tanto no português quanto em qualquer língua).

Essa representação, por uma questão de espaço, não contempla todos os subesquemas e microconstruções possíveis para o português. Mas por ele é possível observar que a condicionalidade conforma uma categoria extremamente complexa que abriga subesquemas e microconstruções com diferentes níveis de esquematicidade e abstratização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão feita aqui reforça o princípio cognitivista básico de que uma categoria está organizada em termos exemplares e relações de similaridade, em que se distinguem esquemas mais prototípicos e outros mais periféricos. A organização em rede da família construcional das orações condicionais evidencia que a condicionalidade está organizada em torno de um esquema mais abstrato com significado mais básico ao qual os outros se ligam por relações de herança. Assim, a análise da condicionalidade na perspectiva construcionista possibilita a compreensão das propriedades formais e funcionais da rede construcional como um todo, e não apenas de tipos particulares de construções. Isso se justifica, principalmente, porque o significado condicional não está presente num único elemento, mas é resultado da correlação convencional de vários aspectos da construção. Além disso o significado condicional desemboca em nuances de sentido diversas que não são derivadas de componentes de sua estrutura.

Em outras palavras, ao analisar a família construcional das condicionais focaliza-se um padrão formal que permite identificar uma construção mais esquemática e, conseqüentemente, um significado mais esquemático, a partir do qual todas as instâncias de uso da oração condicional podem ser explicadas.

A organização de esquemas está baseada na analogização, que envolve a extração de propriedades formais/funcionais de um domínio fonte, e que se reforçam mutuamente, fazendo emergir novos esquemas construcionais e novas representações abstratas. Considerando que a extração de propriedades é um processo contínuo, assume-se que as redes estão em constante mudança e reconfiguração.

REFERÊNCIAS

- AWERA, J. Van der. **Language and logic: a speculative and condition-theoretic study.** Amsterdam: John Benjamins, 1983.
- BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DANCYGIER, B. **Conditionals and predication.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português.** Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, 2006.
- DIEWALD, G. Discourse particles and modal particles as grammatical elements. In: FISCHER, I. (ed.). **Approaches to discourse particles.** Amsterdam: John Benjamins, 2006, p. 403-425.
- FERRARI, L. Construções gramaticais e a Gramática das construções condicionais. **Scripta**, vol. 5, n. 9, 2001, p. 143-150.
- GEIS, M., ZWICKY, A. On invited inference. **Linguistic Inquiry**. v. 2, n. 4, 1971, p. 561-566.
- GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language,** Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. **New Reflections on Grammaticalization**, 2002, p. 83-101.
- HIRATA-VALE, F. B. M. O conectivo complexo “supondo que”: história e uso. In: FIGUEIREDO, D. C.; et al (org.). **Sociedade, cognição e linguagem.** Florianópolis: Editora Insular, 2012, p. 381-402.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: A basic introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds). **Clause Combining in Grammar and Discourse.** Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.
- MEILLET, A., “Le renouvellement des conjonctions.” *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études*, section historique et philologique, 1921, p. 159-174.
- MONTOLIO, E. On affirmative and negative complex conditional connectives. In: Couper-Kuhlen, E. & Kortmann, B. (Eds.) **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives.** Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, T. P. **Conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. Araraquara, 2008, 155 f. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

[OLIVEIRA, T. P.](#) A relevância do modelo em camadas para o estudo das estratégias comunicativas atualizadas pelas condicionais. In: PEZATTI, E. G. (org.). **Pesquisas em Gramática Funcional**. Descrição do Português. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 373-383.

[OLIVEIRA, T. P.](#) As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo Linguístico: Análise e descrição**. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.

[OLIVEIRA, T. P.](#) Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T.P.; HIRATA-VALE, F.M. B. A condicionalidade como zona conceitual. **DELTA**, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2-17.

PINTO, P. M; OLIVEIRA, T. P. O esquema causal na condicional *se não me engano*. **Ráido**, v.10, n. 24, p. 150-164, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Construcional Change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VISCONTI, J. Conditionals and Subjectification: Implications for a Theory of Semantic Change. In: Fisher, O. *et al* (Eds.) **Up and Down the cline – The nature of Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 169-192, 2004.

VISCONTI, J. On English and Italian complex conditional connectives: matching features and implicatures in defining semanto-pragmatic equivalence. **Language Sciences**, v. 18 , n.2, p. 549-573, 1996.